

**Migração, cultura e mestiçagem:  
o desenvolvimento mestiço numa comunidade indígena Terena**

Orlando Garcia\*

Resumo: Discutimos neste artigo o desenvolvimento cultural num grupo indígena da Tribo Terena, que migrou do campo para a cidade por volta de 1995. Para tanto nos deslocamos primeiramente ao período colonial, tempo em que se pensava e se admitia o predomínio eurocriollo-luzo-cristão sobre os indígenas hispano-americanos e brasileiros. Em seguida, de volta à atualidade, abordamos os processos de mestiçagens desenvolvidos com o encontro entre os Terena e os moradores da cidade de Campo Grande-MS. Para tanto, nos apoiamos em autores como Barbero, Canclini, Abdala Junior, Gruzinski, Viveiro de Castro, DaMatta e outras contribuições.

Palavras-chaves: Migração. Cultura. Mestiçagens.

Abstract: We have argued in this article the cultural development of an indigenous group from Terena tribe, which has migrated from the country to the town around 1995. For that, we dislocated, in first place to the colonial period, when the eurocriollo-luso-christian predominance was thought and admitted over the spano-american Brazilian indigenous. After that, back to the present time, we have approached the “interbreeding” process developed with the meeting between the Terena and the Campo Grande-MS inhabitants. In order to make the theoretical analysis we were supported by many authors, such as them Barbero, Canclini, Abdala Junior, Gruzinski, Viveiro de Castro, DaMatta and other contributions.

Key-words: Migration. Culture. “Interbreeding”.

O estudo sobre as culturas em geral tem dirigido sua atenção às conexões que elas mantêm entre si, resultando, a nosso ver, em estéticas semelhantes ao estilo barroco. Analisamos esta questão dialogando com autores como Garcia Canclini, do qual aproveitamos em “Culturas híbridas”,

o recorte que analisa as diferenças existentes nas relações entre a cultura popular tradicional, a cultura de elite e a indústria cultural. Em Jesus Martin Barbero, na obra “O ofício de cartógrafo”, focamos nossa atenção para a interpretação do autor feita em relação ao papel que os índios desempenham na sociedade capitalista. Serge Gruzinski, em “O pensamento mestiço”, traduziu para nós as relações de mestiçagens na América Latina entre os índios e os colonizadores no decorrer do período colonial. Roberto DaMatta no livro “Carnavais, malandros e heróis”, nos ajudou com sua análise sobre a festa carnavalesca brasileira e suas relações com a cultura. Eduardo Viveiro de Castro em “A inconstância da alma selvagem” contribuiu com a maneira do pensar e agir dos índios do período colonial por meio de uma comparação que fez entre “o mármore e a murta”. De Guillaume Boccara, sobre seu estudo da mineração africana no México, nos apropriamos da sua análise sobre as relações econômicas entre os índios e os colonos criollos dos séculos XVI ao XIX, sob uma perspectiva mestiça. Por sua vez, França Paiva, ao falar das relações de trabalho entre os africanos “mágicos” e os mineradores, nos deu indícios de uma flexibilidade nas relações. A contribuição de Sheila de Castro Faria em “A Colônia em movimento” foi o de trazer aos nossos olhos certa aproximação entre a Casa Grande e a Senzala. Os autores mencionados aqui foram imprescindíveis para a elaboração deste estudo pois, ao buscarmos os elementos mestiços na relação dos índios Terena com a cultura atual, recorreremos a algumas passagens da história da América Latina.

No diálogo com os autores confirmamos nossa hipótese de que as concepções rígidas, ou no campo das artes, da política, das ciências sociais ou naturais, não subsistem por muito tempo. Uma articulação barroca entre as culturas é realizada historicamente de maneira flexibilizada, de tal modo que não se produz, a partir dela, condutas xenofóbicas e exclusivistas.

Por meio da análise do conceito de mestiçagem cultural, nossa reflexão busca a superação de certa visão “eurocêntrica” sobre a colonização espanhola e portuguesa na América, mas procuramos ter o cuidado de não abrir espaço para o surgimento de outro paradigma separatista.

Usamos esse conceito em oposição ao de identidade cultural. Pensamos assim em função das conexões e da interdependência que há entre as diversas

formas de expressão da cultura. Essa noção surgiu da interpretação das leituras que fizemos dos autores Serge Gruzinski, Garcia Canclini e Martin Barbero.

Estimulamos o debate sobre mestiçagens porque observamos nela processos de deslocamentos, de justaposições e relativizações que rompem com concepções fixas, como as que estabelecem oposições binárias, de centro e periferia, do tipo que citamos acima. A flexibilização permite aberturas para novas interpretações a respeito das relações interculturais.

Discutimos esse assunto na análise das relações econômicas dos crioulos com uma tribo mexicana, os Reche-Mapuche, entre os séculos XVI e XIX, realizada por Guillaume Boccara (2002). Ele afirma que a substituição do sistema econômico indígena pelo do europeu foi complexa. O autor nos mostra como essa substituição levou em conta as relações de força entre eles e o valor que cada um atribuía aos objetos, isto é, um mapuche ao trocar seus objetos por outros apenas aceitava o que fosse de seu agrado, fazendo com que em muitos casos, as trocas fossem igualitárias e as relações comerciais flexíveis. Outro aspecto em destaque é o relacionamento constatado por Boccara entre uma comunidade mapuche e um prisioneiro. Quando um guerreiro inimigo era preso pelos índios, dava-se a ele três possibilidades: ser digerido literalmente pelos guerreiros da tribo, ser absorvido como força de trabalho ou ser incorporado como um novo membro da comunidade. Esta última demonstra uma aproximação cultural entre eles.

Serge Gruzinski (2002), estudando a história da América Latina, também no México, afirma que a partir de 1540 os índios mexicanos aprenderam os ofícios europeus como o de alfaiate, ferreiro, serralheiro; aprenderam a fabricar cadeiras e instrumentos musicais; aprenderam a usar as ferramentas trazidas da Europa mais sofisticadas que as que existiam na América; apropriaram-se de novas técnicas que os ajudaram numa nova divisão social do trabalho, redistribuindo tarefas. Gruzinski afirma ainda que na construção de catedrais, embora o estilo e a arquitetura devessem seguir fielmente os modelos europeus, como réplicas medievais, parte da mão-de-obra utilizada nas construções eram indígenas, dividida em especialistas e trabalhadores comuns, possibilitando, assim, a introdução de elementos não

européus nas construções.

Sobre a importância da mão-de-obra durante o século XVIII no Brasil, França Paiva (2002) escreve que após a descoberta de minérios, foram trazidas grandes quantidades de escravos para trabalharem na região das Minas Gerais. Uma migração forçada que, segundo o autor, trouxe consigo homens e mulheres que eram bons conhecedores do ofício da mineração e fundição de metais e de técnicas desconhecidas pelos portugueses. Os escravos e escravas que chegavam eram vistos como mágicos, com poderes sobrenaturais utilizados no achamento de ouro e outras pedras preciosas. A participação das mulheres escravas era grande, além de trabalharem ativamente na extração de minérios, também eram cobiçadas pelos colonos mineiros, pois se acreditava, segundo França Paiva, que elas, por deterem o domínio das técnicas de “faiscação do metal dourado”, foram responsáveis por difundirem e preservarem essas técnicas. Essas mulheres e também os homens, teriam sido mediadores culturais entre os saberes africanos e brasileiros.

Os recortes historiográficos mencionados acima nos chamaram a atenção sobre alguns conceitos utilizados para pensar as relações inter-étnicas no Brasil. Tomando por base sua historicidade, discutimos o conceito “mestiçagem cordial”.

O século XIX gerou a noção de “mestiçagem cordial”, sendo para o nosso entendimento uma espécie de “democracia racial” implícita no texto abaixo de Gilberto Freyre:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciamos os nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhana que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. De que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi nosso primeiro companheiro de brinquedo (FREYRE, 1992, p. 331).

O conceito de “democracia racial” teria surgido de uma relação social onde o sistema patriarcal permitia certas flexibilidades entre a “Casa Grande

e a Senzala”, ainda que na maioria das vezes relações como essas tenham sido continuamente marcadas por tensões e conflitos. Os senhores e os escravos, segundo Castro Faria (1998, p. 290), mantiveram durante muito tempo relações de “concessões e adequações”, quando um contribuía com o outro no processo de trabalho e produção. Para a autora, o discurso sobre uma maioria de escravos trabalhando acorrentados numa fazenda não correspondia à realidade:

[...] entre outros motivos por estarem em escravarias relativamente pequenas, trabalhando lado a lado de seus senhores e seus filhos, muitas vezes partilhando o mesmo teto e alimentação.

Com o desenvolvimento da história do Brasil no século XIX, precisamente com a expansão da cafeicultura a partir da segunda metade desse século, houve um notável crescimento urbano nas regiões entre Rio de Janeiro e São Paulo. Por esses tempos, teve início uma transferência gradativa das relações sociais do campo para as cidades, invertendo o domínio das relações culturais entre as classes sociais. Citamos como exemplo a festa carnavalesca brasileira, que se tornou com o tempo um local de encontro de todas as etnias e classes. No século XX, o carnaval adquiriu outras características, dentre as quais a articulação entre os estilos clássicos e barroco (música, fantasia, coreografia, etc.), mostrando uma convivência harmônica entre elas. Abdala Junior (2004, p. 17), tratando da inversão nas formas de dominação entre as classes sociais, explica que:

[...] se antes essa relação sentimental tinha como agente o patriarcado, na perspectiva carnavalesca são os setores populares os agentes, contaminando simpaticamente a maneira de ser dos ricos

O argumento do autor sugere que se em dado momento da nossa história o setor dominante da sociedade – o escravocrata; senhor da “Casa Grande”, era quem abria as possibilidades para a mestiçagem, em outro, a classe popular era quem oferecia esta oportunidade aos demais. A festa de carnaval é um exemplo importante para mostrar a interferência da cultura nas relações de poder, ela aproxima as diferenças e propõe a troca espontânea numa relação entre barroco e clássico. Roberto DaMatta (1997, p. 171), acrescenta:

Neste quadro, a inversão carnavalesca brasileira se situa como um princípio que suspende temporariamente a classificação precisa das coisas, pessoas, gestos, categorias e grupos no espaço social, dando margem para que tudo e todos possam estar deslocados. É precisamente por poder colocar tudo fora do lugar que o carnaval é freqüentemente associado a “uma grande ilusão” ou “loucura”. A transformação do carnaval brasileiro é, pois, aquela da hierarquia cotidiana na igualdade mágica de um momento passageiro.

Nos dias em que acontece o carnaval no Brasil as pessoas perdem seus referenciais de classes e ideologias, deslocando-se das cobranças da vida cotidiana, onde imperam as regras, os horários e as disputas pelo poder, para entregarem-se à satisfação do descompromisso, da proximidade entre o “belo” e o “feio”, do sagrado com o profano, do clássico com o barroco. São em momentos de descontração como estes que as culturas mantêm entre si encontros democráticos.

Sugerimos ter sido nesta espacialidade construída socialmente que o Brasil desenvolveu-se culturalmente ao longo de sua história e não apenas por intermédio das relações políticas e econômicas em que a classe rica dominava a pobre. Desde os tempos coloniais, cada grupo social, com suas necessidades e interesses, foi atraído pelas novas situações e perspectivas de relacionamento social, em que as diferenças eram amenizadas em função das interações mestiças.

Pesquisando a situação de um grupo de índios Terena de Mato Grosso do Sul, que por volta de 1995 deixaram a aldeia rural e vieram para a cidade de Campo Grande formar um núcleo urbano denominado Comunidade “Marçal de Souza”, constatamos que na busca de uma acomodação ao sistema e às regras estabelecidas na cidade, eles mantêm continuamente interações culturais mestiças no contato inter-étnico. A acomodação ocorre gradativamente entre eles e ameniza os conflitos que supostamente teriam como causa o “choque” cultural. O processo de acomodação dos índios às novas regras e valores sociais, no entanto os ajustam às práticas de convivência local e acaba por interferir no comportamento social de todo o grupo. Sendo assim, a integração indígena à comunidade urbana pode ser entendida como um processo lento, mas de interação permanente entre os costumes e os valores urbanos e o estilo cultural até então vivenciados por

eles na aldeia rural. Ao chegarem na cidade, os migrantes Terena deixaram envolver-se pelos costumes, símbolos, tradições e língua praticadas no meio urbano.

A relação que se estabeleceu entre aldeia e cidade, pôde determinar o desenvolvimento do caráter da mestiçagem. Esse caráter vem se formando de acordo com a diminuição da distância cultural existente entre o índio e a população da cidade. Como exemplo disso citamos os elementos da cultura da etnia branca que foram apropriados pelos moradores da referida comunidade indígena e transformados em objetos mestiços, como o artesanato, com ênfase na produção de cerâmica em argila.

Sabemos que a cerâmica é uma produção típica do povo Terena, desenvolvidos por eles a dezenas de anos. Atualmente a produção de objetos artesanais, especialmente esta, é um dos elementos que ajuda na sobrevivência dos moradores da comunidade. Boa quantidade de seus membros dedica-se a ela. Quando pronta parte da produção é colocada à venda aos turistas no “Memorial da Cultura Indígena”, enquanto outra é levada ao centro da cidade de Campo Grande com o objetivo de ser vendida aos moradores. O que evidencia a mestiçagem nesse trabalho artesanal? As formas, os desenhos e a mão-de-obra utilizados na produção de vasos são realizados pelos moradores da “Marçal de Souza”, mas parte da matéria prima, como a tinta utilizada para fazer os desenhos, é produzida e adquirida na cidade. A aquisição é feita de diversas maneiras: por troca direta entre conhecidos, amigos ou parentes, por meio de doações que recebem periodicamente e pelo comércio regular. Apoiamo-nos em Gruzinski (2002) para afirmar que desde o período colonial os índios já nasciam mestiços. E desde então eles vem reconstruindo significados em seus cotidianos a partir da mescla cultural com moradores de cidades. Mas que significados são esses?

Afirmamos que a presença de “elementos da cultura branca” na vida dos índios constitui-se em outras experiências culturais. Ainda que eles imaginem que sua cultura seja pura, os seus pensamentos são reorganizados a partir do contato com o povo da cidade. Observando a percepção deles sobre a produção artesanal que realizam e também a realidade sócio-cultural com a

qual convivem, podemos, a partir do comportamento e da interação que eles mantem com a cultura material, confirmar a produção de novos significados, aplicados aos seus modos de pensar e viver. Todavia, as transformações socioculturais que essas relações desenvolvem historicamente, não podem ser analisadas como se houvesse a perda de uma consciência étnica.

Como escrevemos acima, a família indígena organiza-se na referida comunidade urbana, ainda com algumas dificuldades, de maneira a se adaptar às condições exigidas pela nova situação, redirecionando sua posição de autonomia política e sua integração à estrutura sócio-econômica do local. Cremos que a mestiçagem comprova que os Terena são flexíveis. Na cidade ou na aldeia rural, os índios não resistem às mudanças, adequando cada situação ao comportamento que melhor lhes favoreçam em sua acomodação nas novas condições de existência.

Em uma das entrevistas que fizemos com o Cacique Ênio de Oliveira Metelo, que é morador da Aldeia “Marçal de Souza” e líder fundador da comunidade, ouvimos a seguinte frase tradutória: “Posso ser o que você é, sem deixar de ser o que eu sou”. Esse é um discurso preventivo de quem procura ter o cuidado de demonstrar aos parentes do campo que não se alienaram das tradições culturais indígenas. O afastamento do grupo de parentesco sofrido pelo índio em decorrência da migração pode levar à perda do seu sistema de referência, responsável por orientar seu comportamento social, mas este grupo particularmente vem assimilando regularmente as novas experiências, culturais. Em função da sua adaptação e assimilação a essas experiências as famílias indígenas puderam integrar-se mais rapidamente na ordem urbana, fazendo conexões com outros elementos da cultura.

A cidade de Campo Grande que os migrantes encontraram desde sua chegada, por volta de 1995, tinha construções civis, um sensível crescimento urbano, muitas escolas públicas, comércio expandido, alguns hospitais públicos, mansões e centenas de praças e árvores paisagísticas e frutíferas. Mas embora tudo isso revelasse um contraste com a falta de um parque industrial e com o desemprego que havia no Estado de Mato Grosso do Sul, ao que tudo indica causou certo impacto aos novos moradores, pois viram



possibilidades reais de mudarem socialmente de vida. Porém, o que de fato os levaram a migrar? Devem, ao sair, correr o risco de perder suas referências?

Quando os índios migram para a cidade, eles já saem mestiços. Esses Terena que pesquisamos apenas continuaram interagindo com as práticas culturais realizadas no meio urbano. O contato com novas experiências, no entanto, criaram neles expectativas que os conduziram à busca de melhoria em suas condições sociais. E com o tempo, ao continuar mantendo interações com os novos elementos culturais encontrados, lhes possibilitaram apreender uma série de novos conhecimentos, responsáveis por reorientá-lo na sua relação com as “coisas” da vida urbana.

Desde o contato com os elementos culturais da cidade, o imaginário indígena começou a ser reconstruído. Mas o que os movimentos culturais da cidade grande compuseram na imaginação indígena? Cremos que isso se explica por uma espacialidade impregnada de uma perspectiva de melhoria de vida, absorvida pelos Terena. Não obstante, de que maneira isso teria ocorrido no pensamento deles?

De acordo com Canclini (apud Barbero, 1997, p. 261), a produção econômica indígena não é auto-suficiente, mas também não é manipulado integralmente por um “capitalismo selvagem”. Então, a mestiçagem apresenta-se naturalmente como alternativa de sobrevivência a todos os povos que são potencialmente divergentes quanto as suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, no interior do sistema capitalista.

Segundo Barbero (1997), as culturas indígenas são parte integrada da estrutura produtiva do capitalismo atual. Por outro lado, as pessoas não índias, moradoras da cidade de Campo Grande e frutos do mesmo sistema, ao manter contatos sociais com os Terena, se apropriam também dos elementos de sua cultura mestiça, como as cerâmicas e os ornamentos, por exemplo. Esta associação representou, ao longo do tempo, uma possibilidade de assimilação cultural entre as culturas permanentemente em transição, sem que tenha havido em algum momento a submissão de uma em relação à outra.

Barbero (1997) alerta também para o fato do consumo capitalista pressionar em direção a uma padronização geral dos produtos e dos gostos, fazendo com que os padrões desses objetos sejam renovados periodicamente.

Nessa perspectiva, o artesanato produzido pelos índios nas aldeias apresenta certas semelhanças com a padronização capitalista. Padronização esta que facilita o acesso dos produtos indígenas por brancos, assim como facilita o acesso do índio aos produtos dos brancos. Ambos da mesma forma passaram por processos de mestiçagem. Enfim, como no período colonial, esses Terena atualizam no presente, o passado histórico mestiço.

### Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.) *Portos flutuantes: trânsitos íbero-afro-americanos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.) *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BARBERO, Jesus Martin. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: MAURO, Wilton de Sousa (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA/USP Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria. *A história do Povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.

BOCCARA, Guillaume. Mestizaje salvaje, trabajo y resistência em la frontera hispano Mapuche. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTÁSIA, Carla Maria Junho (Orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. *A inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosacnaify 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A história contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

FARIA, Sheila de Castro. *A Colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 28. ed. 1992.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Os índios construtores de catedrais. Mestiçagens, trabalho e produção na Cidade do México, 1550-1600. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTÁSIA, Carla Maria Junho (Orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2002.

PAIVA, Eduardo França; ANASTÁSIA, Carla Maria Junho (Orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2002.

\_\_\_\_\_. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: \_\_\_\_\_; ANASTÁSIA, Carla Maria Junho (Orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2002.

\* Orlando Garcia é graduado em História, com especialização em “História, Sociedade e Cultura” e realiza mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É membro do Grupo de Pesquisa “Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem”, sob a supervisão do Dr. Amálio Pinheiro. E-mail: <orlandohist@ig.com.br>.

**Recebido em janeiro de 2009; aprovado em maio de 2009.**